

Deslocamento cotidiano e gênero: acessibilidade diferencial de homens e mulheres ao espaço urbano de Ponta Grossa – Paraná

Marcio Ornat¹
Joseli Maria Silva²

Considerações iniciais

O Poder Público Municipal de Ponta Grossa - Paraná, durante a gestão do Prefeito Péricles de H. Mello³, desenvolveu uma ação para facilitar a circulação das pessoas de baixa renda através de um programa chamado Domingo Livre. Tratava-se da liberação das catracas de acesso aos terminais e ônibus em um domingo por mês. Todos, se assim o desejassem, poderiam visitar parentes e amigos, e vivenciar o espaço urbano. Em um determinado Domingo Livre, foi presenciado certo fato que nos chamou a atenção. Algumas crianças, que haviam embarcado no ônibus em um ponto após o nosso, começaram a ficar maravilhadas no caminho entre uma das periferias da cidade e seu centro. Elas destacavam a existência de construções, praças, mercados, fábricas, formas que a muito haviam sido implantadas. Eram crianças que as aparências indicavam ter em torno de 8 anos. Este fato nos mostrou que o espaço não possui a mesma acessibilidade a todos os indivíduos, sendo vivenciando de múltiplas formas. Tal qual evidenciado

¹ Geógrafo, Docente do DEGEO da Universidade Estadual de Ponta Grossa - UEPG. Discente do Programa de Pós-Graduação em Geografia, Mestrado em Gestão do Território – UEPG. - marciornat@yahoo.com.br

² Doutora em Geografia na UFRJ, Docente do DEGEO da Universidade Estadual de Ponta Grossa – UEPG, Docente do Programa de Pós-Graduação em Geografia, Mestrado em Gestão do Território – UEPG - joselisilva@uol.com.br

³ Período contido entre os anos de 2001 a 2004.

por Denis Cosgrove⁴, também compreendemos que a geografia está em toda parte e que era possível, a partir daqueles gestos simples e cotidianos, problematizar a realidade. Após reflexões, estabelecemos como meta compreender os deslocamentos cotidianos intra-urbanos desenvolvidos por homens e mulheres, moradores da Vila Dom Bosco e da Vila Nova, em Ponta Grossa – Paraná, e a sua relação com a reprodução dos espaços de pobreza. A escolha dos referenciais empíricos foi baseada nas diferenças de localização de cada fragmento em relação à acessibilidade diferencial que possuem os moradores dos respectivos locais a todo o caleidoscópio urbano de possibilidades⁵. Esta assimetria indica a possibilidade de verificação e compreensão das diferenças construídas entre homens e mulheres no acesso a cidade.

Para a obtenção das informações populacionais, foram delimitadas 48 das 68 residências que estavam ocupadas no Conjunto Habitacional Dom Bosco I e II, e em relação ao Loteamento Vila Nova, das 136 residências ocupadas, foram amostradas 99. A metodologia indicada para esta fonte de informação foi a aplicação de questionários fechados⁶, relacionados aos perfis sócio-econômicos, retirando destes também as características referentes aos deslocamentos dos chefes da família (cônjuges) como intensidade média semanal, destino e motivo.

Pensou-se, inicialmente, que a articulação diferencial dos indivíduos no espaço se restringia a suas possibilidades econômicas. Trilhamos este caminho, até o momento em que percebermos uma considerável diferença nas características dos deslocamentos de homens e mulheres dos fragmentos Dom Bosco e Vila Nova. Além da orientação quantitativa, através do método de saturação objetivamos identificar as construções ocorridas dentro dos grupos sociais em relação ao que se era esperado dos comportamentos masculino e feminino⁷. Esta

⁴ COSGROVE, Denis. A Geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROZENDAHL, Zeny. *Paisagem, tempo e cultura*. 2ª Edição, Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004. p. 92 – 122.

⁵ Ver Anexo 01

⁶ Ver Anexo 02

⁷ Ver Anexo 03

orientação enriquece a presente discussão, salientando a cultura como um dos elementos integrantes do espaço. A partir desta verificação, soma-se às demais categorias analíticas o conceito de gênero, os papéis construídos culturalmente para homens e mulheres⁸.

A construção dos papéis de gênero e a acessibilidade ao espaço urbano

O espaço da cidade é produto social e as ações dos grupos e/ou indivíduos são elementos integrantes do processo de produção e apropriação do espaço. Uma das formas em que esta apropriação se dá é através da interação entre os mais diversos locais no espaço urbano, ocorrendo o acesso aos diversos objetos espaciais através dos deslocamentos diários de pessoas. A relação entre as localizações pode ocorrer pelos deslocamentos de produtores e consumidores entre os locais de moradia, produção e consumo. Entretanto, são as pessoas que dão sentido à interação das localizações e ao deslocamento espacial.

Cada grupo social possui características particulares de deslocamento. Pode-se afirmar que os grupos sociais de alta renda possuem maiores possibilidades de deslocamento, e os grupos de baixa renda enfrentam mais obstáculos a serem superados. Esta abordagem da renda, embora muito importante, não esgota a explicação dos diferenciais de acessibilidade desenvolvidos por diferentes grupos de sujeitos. Outras explicações são possíveis e reveladoras de características espaciais, como a visibilidade das relações de gênero na análise espacial.

As diferentes espacialidades desenvolvidas por homens e mulheres fazem parte da produção do espaço da cidade, embora seja um tema ainda pouco explorado. Roberto Lobato

⁸ Toda esta discussão se fez através do Grupo de Estudos Territoriais (GETE-UEPG), o qual tem discutido, desde o ano de dois mil e quatro, a temática geografia e gênero. Trabalho vinculado à linha de pesquisa Espaço, cultura e poder na configuração das relações de gênero na periferia pobre de Ponta Grossa – PR, sob coordenação da Dr^a Joseli Maria Silva, realizado no período de 08/2004 a 07/2005.

Corrêa⁹, ao abordar o espaço enquanto uma instância, reflexo e condição da sociedade, produzido pela/na relação entre os indivíduos, abre a possibilidade de inúmeros recortes grupais e relações espaciais. Para o autor, o espaço urbano é fragmentado, articulado, reflexo e condição, campo simbólico e de lutas.

A fragmentação é materializada pela paisagem produzida pela justaposição dos diferentes usos do solo, onde aparecem o centro da cidade, as periferias, as áreas industriais e comerciais, áreas residenciais de alta e baixa rendas, favelas e condomínios exclusivos. A complementaridade entre os fragmentos do urbano é constituída por deslocamentos de várias naturezas e intensidades e, para esta discussão, privilegia-se o deslocamento de pessoas e os elementos que constituem estes deslocamentos. A ação dos sujeitos ao deslocar seus corpos através de diferentes localidades está estritamente relacionada com o objetivo de acessar os diferentes bens urbanos. Nosso argumento é de que as diferentes possibilidades de promover os deslocamentos refletem na condição sócio-espacial dos indivíduos. Assim, indivíduos que possuem maior capacidade de deslocamento usufruem com maior intensidade o produto social urbano e vice-versa.

Além de articulado e fragmentado, o espaço urbano, conforme Corrêa¹⁰, é reflexo e condicionante da sociedade. Numa sociedade de classes, revela-se a desigualdade que cada segmento social possui no acesso à cidade. Enquanto condicionante, o espaço urbano desempenha papel fundamental na produção e reprodução das relações sociais capitalistas. As áreas residenciais expressam e, ao mesmo tempo, constituem as condições necessárias para a manutenção do sistema. A diferenciação externa e a homogeneidade interna das diferentes áreas residenciais intensificam os processos de segregação urbana, como salienta Mônica Maria O'Neill¹¹, diferenciando a segregação

⁹ CORRÊA, Roberto Lobato. *O Espaço Urbano*. 4ª Edição, São Paulo, Editora Ática, 2003. 94 p.

¹⁰ *Ibid.*

¹¹ O'NEILL, Mônica Maria. *Segregação Residencial: um estudo de caso*. Rio

forçada da auto-segregação¹². Nesse sentido, sendo o espaço urbano fragmentado em diversos usos e também segregado, a articulação promovida pelos deslocamentos de pessoas é de fundamental importância.

A localização do homem no espaço é um elemento que influencia na qualidade de sua existência. Milton Santos afirma que “cada homem vale pelo lugar onde está: seu valor como produtor, consumidor e cidadão depende de sua localização no território”¹³. Este argumento remete à idéia de que um indivíduo poderá transformar sua condição sócio-espacial, dependendo das possibilidades que o espaço oferece. Se forem considerados dois indivíduos com o mesmo rendimento, um deles residindo em um local que fornece pouca acessibilidade aos serviços do urbano, este estará em desvantagem locacional em relação ao outro indivíduo que possui facilidade em acessar os serviços do urbano. Neste sentido, a possibilidade de maior ou menor deslocamento no espaço urbano é elemento condicionante na ascensão social ou na reprodução ampliada da pobreza destas populações.

Além de fragmentado, articulado, reflexo e condição da sociedade, o espaço urbano é também vivenciado cotidianamente, fazendo parte dos desejos, expectativas, experiências e valores, constituindo um campo simbólico. As diferentes expectativas dos grupos sociais geram conflitos em torno do espaço que se torna também campo de lutas, envolvendo diversos agentes sociais como os proprietários dos meios de produção, proprietários fundiários, promotores imobiliários, Estado, e grupos sociais excluídos¹⁴.

de Janeiro. Dissertação de Mestrado. UFRJ. 1983. p. 26-55.

¹²A segregação refere-se, como tratado por Corrêa, a um processo que origina uma tendência a uma organização espacial em áreas de “forte homogeneidade social interna e forte disparidade entre elas”(CORRÊA, Roberto Lobato. *O Espaço Urbano*. 4ª Edição, São Paulo, Editora Ática, 2003. p. 60).

A primeira forma de segregação refere-se aos grupos sociais que tem poucas opções de residência, quase nulas; a segunda refere-se a classe dominante, notadamente os condomínios exclusivos, horizontais ou verticais.

¹³ SANTOS, Milton. *O Espaço do Cidadão*. São Paulo, 1987. p. 81.

¹⁴ CORRÊA, Roberto Lobato. *O Espaço Urbano*. 4ª Edição, São Paulo, Editora Ática, 2003. 94 p.

Como visto o espaço urbano é complexo e as características, agentes e processos espaciais fazem parte de um todo urbano em movimento, devendo ser salientado a existência de um jogo dialético de escalas entre cada fragmento e a cidade, que fazem parte do mesmo fenômeno. Iná Elias de Castro argumenta pela necessidade de abordagem escalar do espaço, pois: “quando o tamanho muda, as coisas mudam, o que não é pouco, pois tão importante quanto saber que as coisas mudam com o tamanho, é saber como elas mudam, qual o novo conteúdo das novas dimensões”¹⁵.

Como analisado por Castro¹⁶, quando mudamos a escala de análise, novos conteúdos e dimensões são descortinados. Desta forma, a escolha da dimensão da escala de análise do urbano é de vital importância.

Adotando o conceito de segregação proposto por Mônica Maria O’Neill¹⁷ e Roberto Lobato Corrêa¹⁸, os fragmentos Dom Bosco e Vila Nova caracterizam-se como locais homogêneos internamente e heterogêneos externamente. No entanto, quando se adota uma escala de análise que dá visibilidade aos detalhes das relações cotidianas, tornam-se visíveis elementos e fenômenos antes desconsiderados. Assim, embora o Conjunto Habitacional Dom Bosco e o Loteamento Vila Nova se constituam como espaços de moradia de uma população de baixa renda, com um perfil sócio-econômico semelhante, o conteúdo social pode ser extremamente diferente um do outro quando mudada a escala de análise.

A relação enredada no local de moradia constituirá uma parcela conhecida do espaço urbano, um local de reconhecimento. Como salientado por Pierre Mayol¹⁹, a

¹⁵ CASTRO, Iná Elias de. O Problema da Escala. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo Cesar da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato (Orgs.). *Geografia: Conceitos e Temas*. 2ª edição, Rio de Janeiro, :Bertrand Brasil, 2000. p. 137.

¹⁶ *Ibid.*

¹⁷ O’NEILL, Mônica Maria. *Segregação Residencial: um estudo de caso*. Rio de Janeiro. Dissertação de Mestrado. UFRJ. 1983. p. 26-55.

¹⁸ CORRÊA, Roberto Lobato. *O Espaço Urbano*. 4ª Edição, São Paulo, Editora Ática, 2003. 94 p.

¹⁹ MAYOL, Pierre. O Bairro. In CERTEAU, Michel de, *A Invenção do Cotidiano: 2. Morar, Cozinhar*.- Petrópolis, Rj: Vozes, 1996. p. 37-69.

vivência cotidiana se dá num processo dialético de apropriação espacial, onde o espaço público, da rua, transforma-se em local apropriado, uma ampliação da residência implicando o controle do espaço. Nos códigos de comportamento e controle social que instituem os espaços locais, estão presentes padrões de relações de gênero que são compreendidas de forma tácita pelos sujeitos sociais.

Este conjunto de normas, que são fundadas através da conveniência, tem por suporte o grupo social que convencionaliza tais legislações. Segundo Joan Scott²⁰ e Joseli Maria Silva,²¹ gênero é um grupo de idéias que uma cultura específica constrói em relação ao que é ser homem e ao que é ser mulher. Uma categoria de espera comportamental que é posta sobre um corpo sexuado, este último também não anterior a cultura²².

Em outras palavras, são os papéis pré-definidos socialmente para os sujeitos diferenciados espaço/temporalmente, ditando normas de comportamento do corpo feminino e masculino. Esta construção cultural dos papéis de gênero é constantemente tensionada, pois é através das ações que tais papéis são re-significados cotidianamente, estruturados em relações de antagonismos e complementaridades.

Devido às especificidades histórico-espaciais destas construções, os papéis fundados nunca são homogêneos, não havendo uma única identidade feminina ou masculina. A construção identitária se dá numa teia de relações inseridas em uma rede multidimensional de sociabilidades, que possui suas próprias espacialidades. Assim, a diversidade de papéis desenvolvidos e as espacialidades específicas correspondentes,

²⁰ SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil na análise histórica. In: *Educação e Realidade*. Porto Alegre, Julho a Dezembro, 1990. p. 5-22.

²¹ SILVA, Joseli Maria. Análise do espaço sob a perspectiva do gênero: Um desafio para a Geografia Cultural brasileira. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (org) *Geografia: Temas Sobre Cultura e Espaço*. Rio de Janeiro: UERJ, 2005. p. 173-189.

²² Para maiores aprofundamentos à discussão entre a linearidade entre sexo, gênero, desejo e prática sexual, ler: BUTLER, Judith. *Problemas de Gênero: Feminismo e Subversão da Identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. 236 p.

tornam-se simultaneamente produto, condição e transformação das relações sociais, possibilitando a modificação da posição do sujeito na teia sócio-espacial. Esta noção de movimento e transformação das relações sócio-espaciais tem sido desenvolvida por Gillian Rose²³ através do conceito do espaço paradoxal. Para a autora, a posição do indivíduo não é única, é multidimensional e plurilocalizada. Um mesmo sujeito pode mudar sua posição em determinada estrutura de relação de forças, dependendo do elemento que se leve em consideração como, renda, gênero, cor da pele, etc. É justamente este jogo de tensões múltiplas que pode desestabilizar o poder instituído e promover mudanças importantes na estrutura de relações sócio-espaciais.

As primeiras aproximações com o referencial empírico, o Conjunto Habitacional Dom Bosco I e II e o Loteamento Vila Nova, apontaram que os respectivos conteúdos sociais estabeleciam uma relação equivalente entre seus pares e o restante do espaço urbano. Inicialmente, nota-se que os moradores dos fragmentos Dom Bosco e Vila Nova possuem níveis de deslocamento Fragmento-Centro aproximados, existindo uma média no Dom Bosco 6.81 deslocamentos semanais por residência e Vila Nova com 6.06 deslocamentos semanais por residência. Mesmo Dom Bosco estando a aproximadamente 6.000 m e a Vila Nova a 1.000 m do centro da cidade, em linhas gerais, os dois fragmentos possuem os mesmos níveis de deslocamento. Porém, quando mudada a escala de análise, a paridade é dissolvida pela construção do gênero.

A relação de mulheres e homens com o espaço urbano se processa de forma diferencial, uma assimetria relacionada as características de deslocamento como: motivo de deslocamento, destino de deslocamento e intensidade de deslocamento. Os motivos de deslocamento para as mulheres relacionam-se em 48 % no Dom Bosco e 70.7 % na Vila Nova a atividades ligadas a reprodução familiar, como fazer compras, pagar contas, levar filhos a escola e ao médico. Em relação

²³ ROSE, Gillian. *Feminism & Geography. The limits of Geographical Knowledge*. Cambridge: Polity Press, 1993. 205 p.

aos homens, em 82.1 % no Dom Bosco e 72.6 % na Vila Nova os deslocamentos relacionam-se à reprodução econômica do lar, o trabalho.

Os dados quantitativos demonstram que os homens atingem maiores índices de intensidade de deslocamento em ambos os referenciais empíricos. A média dos deslocamentos dos homens do Dom Bosco é de 3.5 deslocamentos semanais por residência, enquanto as mulheres possuem uma média de 3.2. Na Vila Nova esta diferença é de 3.6 para os homens, para 2.5 deslocamentos semanais por residência das mulheres.

Os destinos que se buscam com os deslocamentos, além de se relacionar com a questão do acesso ao que é produzido no espaço urbano, estão ligados à construção cultural dos papéis de gênero nos respectivos grupos sociais. Mulheres e homens possuem destinos específicos de deslocamento referenciados nestes papéis. Hegemonicamente, o papel atribuído culturalmente aos homens e relatado pelos moradores, que foram colaboradores disponibilizando estas informações, é o de provedor da família, tanto no Dom Bosco como na Vila Nova. O mesmo fato ocorre com o papel atribuído às mulheres, tendo por função a manutenção da família e a organização da casa.

Cada grupo constrói culturalmente os papéis sociais a serem desenvolvidos por homens e mulheres através de sua espacialidade. As ações não podem ser desenvolvidas sem um corpo e o corpo sem o espaço. Cada papel social relaciona-se a um tipo específico de relação, construindo diversos arranjos espaciais de deslocamento. As diferenças dos padrões de deslocamento desenvolvidos pelos diversos grupos sociais influencia diretamente nas suas condições sócio-econômicas.

Portanto, a diferença dos deslocamentos femininos e masculinos não estão apenas associados aos níveis de renda, mas também aos papéis de gênero. Estas afirmações referem-se aos casos específicos da referência desta análise. Existem grupos que vivenciam um cotidiano diverso, podendo o deslocamento feminino ser maior que o masculino. Em nosso referencial empírico, o que verificamos é o fato de que homens e mulheres possuem diferentes relações com o espaço urbano, construídas por intermédio das relações sociais, atravessadas por construções de gênero.

Ao invés de uma construção única destes papéis, configuram-se como plurais e multi-localizados. Cada grupo social concebe de forma específica o que se é esperado do comportamento do corpo masculino ou feminino, instituindo um conjunto de normas tácitas para os sujeitos.

Distintas construções de gênero, distintas vivências espaciais

Ao discutir as diferenças existentes entre os gêneros, Íris Marion Young²⁴ concentra-se em marcar as posições entre o que é biológico e o que é adquirido. A autora sustenta sua análise em um diálogo com Erwin Straus. Segundo Straus, em sua Psicologia Fenomenológica, os corpos teriam formas de comportamento distintas, referenciadas no sexo. As diferenças observadas em indivíduos com idade não avançada seriam manifestações de características não adquiridas, onde as diferenças encontradas no movimento dos corpos teriam bases biológicas. Young, em posição contrária, afirma que mesmo havendo alguma essência feminina ou masculina, esta se realiza sobre um suporte corporal de costumes e representações culturais.

Os comportamentos estariam referenciados na representação cultural, daquilo que se espera da corporeidade masculina ou feminina, em suma, na construção do gênero. A afirmação da existência de uma essência masculina ou feminina nada mais é que o próprio jogo de estruturas, uma delimitação que condiciona a própria condição de existência do corpo masculino ou feminino, em um grupo particular. Mesmo assumindo o fato da existência de um estilo particular de comportamento típico do homem ou da mulher, este se refere às estruturas particulares e às condições de existência do corpo masculino ou feminino no mundo. A questão de diferenciação entre os gêneros enquadra-se, como descrito por Paul Claval²⁵, nos limites de cada contexto histórico-espacial, pois as

²⁴ YOUNG, Íris Marion. *Throwing Like a Girl: A Phenomenology of Feminine Body Comportment, Mobility, and Spatiality*. In: *Identities – Race, Class, Gender and Nationality*. Oxford. Blackwell Publishing, 2003. 12 p.

²⁵ CLAVAL, Paul. *Lieux de memoire*. In: *Revista Espaço e Cultura*. Rio de Janeiro: UERJ, NEPEC, jan/dez 2005. n.19-20. p. 126-153.

condições existentes no espaço-tempo vão influenciar as decisões dos atores no jogo social, tratando-se de uma racionalidade constrangida contida nestas relações.

As limitações de corporeidade estão para além de característica biológicas. O gênero, pelo fato de ser uma categoria relacional, como salientado por Joan Scott²⁶, indica a existência de construções sociais baseadas nos relacionamentos entre homens e mulheres, possuindo como um de seus corolários a reprodução e manutenção das diferenças. Uma propalada igualdade formal cristalizando-se em desigualdade substantiva.

A construção do gênero delimita as possibilidades de melhoria nas condições de vida das mulheres em relação aos homens, desigualdades construídas não hermeticamente, mas atravessada pelas relações da cotidianidade. As diferenças de deslocamento de homens e mulheres, de seus locais de residência até outros locais do espaço urbano, evidenciam uma desigualdade em relação à vivência do espaço. Os homens que residem tanto no Conjunto Residencial Dom Bosco como no Loteamento Vila Nova deslocam-se a maiores distâncias e com uma maior intensidade. Diferentemente, as mulheres vivenciam um espaço próximo ao seu local de moradia. Estas relações assimétricas são constituídas através do que se espera do comportamento social masculino ou feminino. A quantificação desta diferença pode ser vista abaixo:

Tabela 1 - Deslocamento semanal residencial Dom Bosco e Vila Nova

Atores	Média Semanal	Raio Médio de Deslocamento
Homens Dom Bosco	3,5	6.055 m
Mulheres Dom Bosco	3,2	5.300 m
Homens Vila Nova	3,6	4.520 m
Mulheres Vila Nova	2,5	3.200 m

Organização: Marcio Ornat, 2005.

²⁶ SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil na análise histórica. In: *Educação e Realidade*, Porto Alegre, Julho a Dezembro, 1990. p. 5-22.

Compreender e adequar-se à legislação tácita instituída pelo grupo social, denominada de conveniência por Pierre Mayol²⁷, é fundamental para a obtenção do reconhecimento do indivíduo perante o grupo. Pelas características peculiares de formação de um e outro fragmento, o homem é percebido como o guardião da moral e dos bons costumes. Na Vila Nova, 100% das colaboradoras declararam ter a sua mobilidade controlada explicitamente ou tacitamente pelos seus maridos, diferentemente do Dom Bosco, possuindo um percentual de 55.6%. Estas diferenças assentam-se sobre as próprias características de cada população que reside em cada fragmento em relação a suas redes de sociabilidade.

A diferenciação das características das redes de sociabilidades inscritas em cada local são elementos integrantes da (re)produção cultural diferenciada. A disseminação das normas de conveniência processa-se através do grupo social, podendo ser a comunidade, se esta for estruturada sob fortes laços sociais, construídos com o tempo de vivência, e também através da família, pela educação que é dada às crianças, e com a convivência com seus pares²⁸. A tabela 2 demonstra a diferenciação de cada fragmento no tocante às características das redes de sociabilidades inscritas em cada local e suas intensidades:

Tabela 2 - Características de sociabilidade

Fragmento	Tempo de residência (média)	Nº de residência de familiares no local (média)	Visitas semanais (média)
Dom Bosco	2.5 anos	0.6	1.7 visitas
Vila Nova	15.7 anos	4.7	3.2 visitas

Organização: Marcio Ornat, 2005.

²⁷ MAYOL, Pierre. O Bairro. In CERTEAU, Michel de, *A Invenção do Cotidiano: 2. Morar, Cozinhar*.- Petrópolis, Rj: Vozes, 1996. p. 37-69.

²⁸ WELZER-LANG, Daniel. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. *Revista Estudos Feministas*. vol.9, no. 2, 2001. Disponível em <[http:// www.scielo.br](http://www.scielo.br)>. Acesso em: 16 de janeiro de 2005, p 460 – 482.

Os fragmentos Dom Bosco e Vila Nova possuem distintas redes de sociabilidade, desde as ocorridas na comunidade até as redes familiares existentes no local de moradia. Estas se relacionam ao tempo de convivência entre os parceiros do jogo social. O período de trocas cotidianas propicia a (re)produção e socialização de identidades e valores, representados pelos comportamentos e normas de conduta de homens e mulheres.

Esta assimetria de elementos nos auxiliam na compreensão da diferenciação do nível de deslocamento das mulheres do fragmento Dom Bosco em relação às mulheres do fragmento Vila Nova. Complementarmente, as diferenças dos níveis de deslocamento e de controle da mobilidade são maximizadas pela existência do controle do comportamento do corpo, como este deve se portar. Em respectivamente 60% das mulheres na Vila Nova, e 66.7 % no Dom Bosco, as colaboradoras declararam ter o comportamento de seus corpos controlados moralmente por seus maridos.

A dominação masculina ocorre no controle do corpo, através da censura imposta pelo esposo, neste caso, em relação às roupas que salientem o corpo da companheira. O desrespeito a esta norma é uma afronta a dominação masculina, como também discutido por Cyntia Sarti²⁹. A autora afirma que só a possibilidade de alguma ação infiel feminina é motivo de preocupação, resultando em controle: esta ação desleal não é permitida, pois pode deixar marcas.

Segundo Adriana Cançado,³⁰ a representação social do indivíduo-grupo social em relação a vivência cotidiana é atravessada pelos códigos de honra, dependendo do compartilhamento de valores morais pré-estabelecidos, sustentado-se a honra masculina na sexualidade feminina. Às condutas do corpo somam-se os motivos de deslocamento referenciados nos papéis de gênero, depositando sobre o corpo da mulher uma espera comportamental, em ambos os

²⁹ SARTI, Cynthia A. Reciprocidade e Hierarquia: Relações de Gênero na Periferia de São Paulo. In: *Caderno de Pesquisa*. São Paulo. Agosto de 1989. p. 38 – 46.

³⁰ CANÇADO, Adriana. Paixão e honra: criminalidade passional em Ponta Grossa na década de 30. In: *Espaço e Cultura: Ponta Grossa e Campos Gerais*. Ponta Grossa: Ed. UEPG, 2001. p. 193-208.

fragmentos.

Esta norma de comportamento do corpo configura-se como uma relação antagonica, contudo complementar, pois as próprias mulheres, mesmo sendo vitimas de coibição comportamental, reafirmam a dominação masculina através da educação que dão a seus filhos cotidianamente, ou mesmo quando pelo exemplo dado na realização das atividades da casa. As falas das colaboradoras, salientando de forma nítida a polarização dos papéis de homens e mulheres, demonstram o controle do corpo: ao homem é atribuída apenas a obrigação do trabalhar fora, e à mulher o compromisso com as questões de dentro do lar.

Como a conduta individual não é pré-discursiva, as ações dos indivíduos devem se referenciar no conjunto de normas inscritas em cada localidade, para a conduta dos corpos. Este axioma demonstra o resultado dialético da relação entre os indivíduos. Além da manutenção do grupo através da conveniência, também são passadas de geração em geração através da educação que é dada às crianças. A vivência possibilita a (re)produção de um modelo de civilidade em relação à diferenciação simbólica do que é ser homem e do que é ser mulher, dentro de nossa sociedade ocidental-cristã.

Como lembrado por Íris Marion Young³¹, as diferenças de gênero são construídas culturalmente, não se constituindo como heranças biológicas, mas reproduções culturais dialéticas. Na fase infantil, através dos jogos e brincadeiras, e na fase juvenil, através dos relacionamentos ocorridos em espaços masculinos e femininos, que a produção-reprodução-reassignificação simbólica dos papéis de ambos ocorre. É em relação a este corpo que se formarão expectativas comportamentais a parceiros do jogo social. A partir do estreito vínculo criado entre os usuários do local de moradia, que este processo de formulação da conveniência ocorre: a construção de uma expectativa do comportamento do corpo, e qual o

³¹ YOUNG, Íris Marion. *Throwing Like a Girl: A Phenomenology of Feminine Body Comportment, Mobility, and Spatiality*. In: *Identities – Race, Class, Gender and Nationality*. Oxford. Blackwell Publishing, 2003. 12 p.

resultado pela aceitação a estas regras. Para poder ser usuário do reconhecimento grupal, basta respeitar suas regras de conduta.

Considerações finais

Homens e mulheres desenvolvem espacialidades urbanas diferenciadas. Admite-se esta diferenciação relacional como uma construção cultural, concebida internamente a cada grupo social, onde os deslocamentos de pessoas no urbano são atravessados pelas construções de gênero. A desigualdade substantiva existente entre homens e mulheres é fomentada pela instituição diferencial dos papéis de gênero.

Esta assimetria nem sempre é imposta por um dos parceiros, mas pactuada. O respeito aos papéis concede ao usuário uma plêiade de benefícios instituídos aos integrantes do pacto. A regra, e o resultado ao respeito, produzem uma fronteira de conduta ao corpo, como nas palavras de Judith Butler em Irene Meijer e Baukje Prins³², uma performatividade, um processo de reiteração de um conjunto de normas que são anteriores a homens e mulheres. Devido ao fato de serem constantemente repetidas, materializam aquilo que nomeiam. Este processo ocorre, além de outros campos, na relação diferencial dos gêneros como o espaço urbano.

³² MEIJER, Irene Costera; PRINS, Baukje. Como os corpos se tornam matéria: entrevista com Judith Butler. *Revista Estudos Feministas*. n° 1, 2002. Disponível em <[http:// www.scielo.br](http://www.scielo.br)>. Acesso em: 16 de janeiro de 2005, p. 155 – 167.

Referências

- BUTLER, Judith. *Problemas de Gênero: Feminismo e Subversão da Identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. 236 p.
- CASTRO, Iná Elias de. O Problema da Escala. In: CASTRO, Iná Elias de.; GOMES, Paulo Cesar da Costa.; CORRÊA, Roberto Lobato (Orgs.). *Geografia: Conceitos e Temas*. 2ª edição, Rio de Janeiro, :Bertrand Brasil, 2000. p. 117-140.
- CANÇADO, Adriana. Paixão e honra: criminalidade passional em Ponta Grossa na década de 30. In: *Espaço e Cultura: Ponta Grossa e Campos Gerais*. Ponta Grossa: Ed. UEPG, 2001. p. 193-208.
- CLAVAL, Paul. Lieux de memoire. In: *Revista Espaço e Cultura*. Rio de Janeiro: UERJ, NEPEC, jan/dez 2005. n. 19-20. p. 126-153.
- CORRÊA, Roberto Lobato. *O Espaço Urbano*. 4ª Edição, São Paulo, Editora Ática, 2003. 94 p.
- COSGROVE, Denis. A Geografia Esta em Toda Parte: Cultura e Simbolismo nas Paisagens Humanas. In CORRÊA, Roberto Lobato, ROZENDAHL, Zeny. *Paisagem, Tempo e Cultura*. 2ª Edição, Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004. p. 92 – 122.
- MAYOL, Pierre. O Bairro. In: CERTEAU, Michel de. *A Invenção do Cotidiano*: 2. Morar, Cozinhar.- Petrópolis, RJ: Vozes, 1996. p. 37-69.
- MEIJER, Irene Costera; PRINS, Baukje. Como os corpos se tornam matéria: entrevista com Judith Butler. *Revista Estudos Feministas*. n° 1, 2002. Disponível em <[http:// www.scielo.br](http://www.scielo.br)>. Acesso em: 16 de janeiro de 2005, p. 155 – 167.
- O'NEILL, Mônica Maria. *Segregação Residencial: um estudo de caso*. Rio de Janeiro. Dissertação de Mestrado. UFRJ. 1983. p. 26-55.
- ROSE, Gillian. *Feminism & Geography. The limits of Geographical Knowledge*. Cambridge: Polity Press, 1993. 205 p.
- SARTI, Cynthia A. Reciprocidade e Hierarquia: Relações de Gênero na Periferia de São Paulo. In: *Caderno de Pesquisa*. São Paulo. Agosto de 1989. p. 38 – 46.
- SANTOS, Milton. *O Espaço do Cidadão*. São Paulo, 1987. p. 81-94.
- SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil na análise histórica. In: *Educação e Realidade*, Porto Alegre, Julho a Dezembro, 1990. p. 5-22.
- SILVA, Joseli Maria. Análise do espaço sob a perspectiva do gênero: Um desafio para a Geografia Cultural brasileira. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROZENDAHL, Zeny (org) *Geografia: Temas Sobre Cultura e Espaço*. Rio de Janeiro: UERJ, 2005. p. 173-189.
- WELZER-LANG, Daniel. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. *Revista Estudos Feministas*. vol.9, no. 2, 2001. Disponível em <[http:// www.scielo.br](http://www.scielo.br)>. Acesso em: 16 de janeiro de 2005, p. 460 – 482.
- YOUNG, Iris Marion. Throwing Like a Girl: A Phenomenology of Feminine Body Comportment, Mobility, and Spatiality. In: *Identities – Race, Class, Gender and Nationality*. Oxford. Blackwell Publishing, 2003. 12 p.

ANEXO 01



ANEXO 02

Questionário Socio Econômico

DESELOCAMENTO: SINGULAR

VILA NOVA ()	DOM BOSCO I ()	DOM BOSCO II ()
QUADRA NÚMERO:	LOTE NÚMERO:	
RUA:	N°:	

FEMININO

IDADE (13-45 ANOS) ()	INSTR. POR () C () P () 1+2 () 3+4 () 5	
Ocupação: FORMAL ()	INFORMAL ()	DOMESTIC ()
FUNÇÃO:		PAPEL DE TEMP. NA FAMÍLIA:
RENDIMENTO (R\$) () 15M () 20M () 30M () 40M () 50M () 60M () 70M () 80M () 90M () 100M () 110M () 120M () 130M () 140M () 150M ()	HORÁRIO:	
FATOR QUE DIF. O DESELOC.:		
ESTADO CIVIL: CASADA () AMASIADA () SEPARADA L () SEPARADA LI () SOLTA () VIUVA ()		

CARACTERÍSTICAS

MOTIVO DO DESELOCAMENTO:
INTENSIDADE SEMANAL:
TRANSFERIR:
TEMPO GASTO:
DESTINO:

MASCULINO

IDADE	INSTR. 1 () 2 () 3 () 4 () 5 () 6 () 7 () 8 () 9 () 10 () 11 () 12 ()	
Ocupação: FORMAL ()	INFORMAL ()	DOMESTIC ()
FUNÇÃO:		PAPEL DE TEMP. NA FAMÍLIA:
FATOR QUE DIF. O DESELOC.:		HORÁRIO:

CARACTERÍSTICAS

MOTIVO DO DESELOCAMENTO:
INTENSIDADE SEMANAL:
TRANSFERIR:
TEMPO GASTO:
DESTINO:
LOCAL ONDE REALIZA SUAS COMERCIAIS MENORES:

CARACTERÍSTICAS SOCIO-FAMILIARES

N.º DE RESIDENTES:	TEMPO DE RESIDÊNCIA:	RENTA FAMILIAR:
INFERIORES R\$ 400 ()	PROX. ASSIST. 2 () 3 () 4 ()	ASSOCIAÇÃO MOR. 2 () 3 () 4 ()
DESELOCAMENTO PART. 2 () 3 () 4 ()	GRUPO MORAD. 2 () 3 () 4 ()	CLASSE M. 2 () 3 () 4 ()
QUEM FREQUENTA: HOMEM ()	MULHER ()	HOMEM/MULHER ()
QUANTAS CASAS DE FAMÍLIA TEM NO BAIRRO:		
FREQUÊNCIA SEMANAL DE VISITAS FAMILIARES:		
SUA CONDIÇÃO FINANC. APOSA	MELHOROU ()	PIOROU ()
MUDANÇA:	NATURAL DE:	
PROV. DE ORIGEM (PO):	RURAL ()	URBANO ()
PROX. AJUDA DE ALGUEM FAMILIAR: SIM () NÃO () QUAL:		
COMO LUCRA SABENDO DO QUE OCORRE NO LUGAR:		
FADO () TELEVISÃO () POP ()		
NAS MESMAS CONDIÇÕES EM QUE VIVE, VOCE MORARIA EM OUTRO LUGAR: SIM () NÃO ()		

COMPARAÇÃO A POLÍCIA DO BAIRRO

PEQUENA ()	MÉDIA ()	GRANDE ()
COMO O LUGAR É PERCENDO EM PONTA DE SERRA:		
QUAL A IMAGEM QUE VOCE TEM DO LUGAR:		

ANEXO 03

Roteiro de Entrevista Qualitativa

1) Identificação do agente

Data da entrevista:

Local:

Nome:

Idade:

Est. civil: solteira () casada () amasiada () Separada L ()

Separada I () viúva ().

Quantos relacionamentos maritais:

Co-habitação com o cônjuge: sim () não ()

2) Relações interpessoais:

A) Divisão das despesas com a casa e família. Avaliação do papel masculino.

B) Cuidado com os filhos e os afazeres domésticos. Divisão de tarefas.

C) Avaliação da vida conjugal. Liberdade de escolha/ estudo/ trabalho/ mobilidade/ futuro/ empreendimentos / educação de filhos / rendimento/ segurança / moralidade / saúde / lazer.

D) Avaliação da vida sem o cônjuge. Relação com os filhos.

E) Poder de decisão sobre o comportamento familiar. Controle dos horários/ tarefas/ lugares/ atividades/ consumo/ educação filhos homens e mulheres.

F) Descrição do padrão de relações conjugais.

G) Abordar uma nova experiência conjugal: ideal do perfil relação/ homem.

Deslocamento cotidiano e gênero: acessibilidade diferencial de homens e mulheres ao espaço urbano de Ponta Grossa – Paraná

Marcio Ornat
Joseli Maria Silva

Resumo: Esta investigação tem como propósito compreender a co-relação entre o perfil de deslocamentos intra-urbanos cotidianos desenvolvidos por homens e mulheres e a reprodução diferenciada de suas condições de pobreza, tomando como referência empírica os moradores da Vila Dom Bosco e da Vila Nova em Ponta Grossa - PR. As características de deslocamento são atravessadas transversalmente pela questão do gênero, já que homens e mulheres possuem papéis diferenciados socialmente. Após entrevistas quantitativas e qualitativas em cento e quarenta e sete residências, constatou-se a existência de marcantes diferenças nas razões que levavam homens e mulheres a se deslocar no espaço, além da diferença de intensidade e o destino dos deslocamentos. Esta diferenciação é determinada pelos papéis sociais que nossa cultura tem construído para homens e mulheres, a representação do gênero feminino e masculino, assimetria que concatena o acesso diferencial de ambos ao espaço urbano.

Palavras-Chave: Espaço Urbano; Deslocamento Intra-Urbano; Gênero, Pobreza.

Abstract: This inquiry has as intention to understand the relationships between the profiles of daily intra-urban displacements developed by men and women and the differentiated reproduction of their conditions of poverty, taking as empirical reference the inhabitants of the Village Dom Bosco and the Vila Nova in Ponta Grossa. The displacement characteristics are crossed transversally by the gender question, since men and women possess socially differentiated papers. After interviewing approximate one hundred fifty households, the results evidenced that there was an empahsis in the different reasons that made men

and women to dislocate themselves in space. Other verified elements were the differences of intensity and destination of the displacements of men and women. This differentiation is determined by the social papers that our culture has constructed for both men and women, the representation of the feminine and masculine gender, asymmetry that concatenates the distinguishing access of both to the urban space.

Key-words: Urban Space; Internal Urban Dislocation ; Gender; Poverty.

Artigo recebido para publicação em 16/10/2006

Artigo aprovado para publicação em 09/06/2007